



A leitura no contexto digital: a recepção de livros digitais de literatura infantil pelas crianças

Reading in the digital context: children's reception of digital children's literature books

Andrialex Silva^(a); Jefferson Melo^(b); Maria Soberana^(c)

^a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UERN), Brasil – andrialex@outlook.com

^b Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UERN), Brasil – jeftson70@gmail.com

^c Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil – soberanapaiiva@gmail.com

Resumo: Com o avanço das tecnologias digitais, novos recursos e propostas surgem no campo educacional. Com isso, é necessário que a escola acompanhe essas transformações a fim de garantir um ensino de qualidade coerente com a sociedade atual. Entre essas novidades está o livro digital de literatura infantil, que apresenta um novo formato ao artefato cultural (Rezende, 2019; Santos, 2022; Spalding, 2012). O objetivo deste trabalho foi investigar a recepção dos jovens leitores ao livro digital de literatura infantil. A pesquisa utilizou uma proposta interventiva, na qual foram realizadas três sessões de leitura de livros digitais de literatura infantil com alunos de 7 e 8 anos de uma escola pública da cidade de Fortaleza. Ao final das sessões, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas, as quais permitiram que os alunos apresentassem seus respectivos pontos de vista sobre as experiências. As falas das crianças apontaram para três aspectos: o livro digital permite uma nova forma de interação com a tecnologia que fomenta a leitura e a autonomia; as sessões permitiram que as crianças caracterizassem o livro digital de literatura infantil; e a pesquisa apontou para a fundamental importância de considerar a acessibilidade do livro para o público ao qual se destina. Portanto, a partir da pesquisa, compreendemos o potencial educacional do livro digital de literatura infantil, considerando sua versatilidade e sua interatividade.

Palavras-chave: Livro digital. Literatura infantil. Leitura. Cultura digital. Tecnologia.

Abstract: With the advance of digital technologies, new resources and proposals have emerged in the educational field, and it is necessary for schools to keep up with these transformations in order to guarantee quality teaching that is consistent with today's society. Among these novelties

is the digital children's literature book, which presents a new format to the cultural artifact (Rezende, 2019; Santos, 2022; Spalding, 2012). Our aim was to investigate young readers' reception of digital children's literature books. The research used an interventional approach, in which three reading sessions of digital children's literature books were held with students aged 7 and 8 from a public school in the city of Fortaleza. At the end of the sessions, semi-structured interviews were carried out, which allowed the students to present their respective points of view on the experiences. As a result, the children's speeches pointed to three aspects: the digital book allows a new form of interaction with technology, which encourages reading and autonomy; the sessions allowed the children to characterize the digital book as children's literature; and pointed to the fundamental importance of considering the book's accessibility for its intended audience. We therefore understand from the research the educational potential of the digital children's literature book, considering its versatility and interactivity.

Keywords: Digital book. Children's literature. Reading. Digital culture. Technology.

Introdução

É preciso considerar que, sob a perspectiva da pós-modernidade, novas demandas surgiram para os diferentes campos da vida cotidiana com o avanço da era digital, inclusive no contexto escolar (Santaella, 2004). É de senso comum nas diferentes discussões que se voltam a pensar a escola em uma perspectiva histórica, que as instituições atuais de ensino foram profundamente afetadas pelo avanço tecnológico, que molda, até certa medida, a nossa relação com o outro, com o conhecimento e com o mundo.

Uma dessas mudanças está nas novas formas de se ler, visto que o avanço no campo tecnológico também impactou os diferentes suportes de leitura, que antes se restringiam ao impresso e hoje têm como espaço o digital, nos mais distintos aparelhos disponíveis no mercado. As práticas pedagógicas de leitura em suportes digitais são demandas que precisam ser discutidas no campo educacional, uma vez que as novas tecnologias têm se infiltrado no ambiente escolar e na vida dos alunos nas mais diferentes camadas sociais, de formas distintas, é verdade, mas de forma constante (Paiva, 2010; Silva, 2023).

Com isso, cabe repensar como o ensino pode se adaptar às novas tendências com o avanço da tecnologia, sobretudo considerando os modos diferentes de pensar as práticas de leitura e, conseqüentemente, o próprio leitor. Tal ponto se constitui como uma questão marcante e um desafio no que tange aos processos de escolarização e perpassa os profissionais da área da educação. Essa discussão se justifica na necessidade de se refletir sobre o potencial pedagógico da tecnologia e sobre como ela pode ser uma forte aliada no desenvolvimento de propostas que levem à aprendizagem significativa, a uma formação emancipadora do sujeito, para uma vida na qual explore todos os aspectos da cidadania (Cararo, 2014; Freire, 2016).

Tais reflexões precisam ser desenvolvidas visando não só uma escola utópica, no campo das ideias, na qual o acesso à tecnologia é democrático e igualitário, com instituições de ensino que tenham disponível todo o aparato tecnológico possível. É fundamental que esse debate tenha como ponto central as escolas públicas das redes de ensino, que frequentemente são precarizadas e com materiais escassos, que atendem a um público que vê o acesso ao mundo digital como um luxo inacessível e não como um espaço a ser ocupado em uma sociedade igualitária em direitos e deveres. Nesse sentido, colocamos na centralidade de nossa discussão o jovem leitor de escola pública, que precisa ter em seu processo de escolarização oportunidades de aprendizagem por meio da tecnologia e acesso aos equipamentos digitais, considerando que esses são os canais nos quais, na sociedade atual, se concentram embates políticos que envolvem, por excelência, o exercício da cidadania e as relações de poder.

Colaborando com essa discussão, Silva (2023, p. 254) explica que: “o ambiente escolar precisa, necessariamente, responder às novas tendências da sociedade, a fim de acompanhar a evolução estabelecida

nesse novo contexto”. Com isso, os livros, artefatos culturais comuns ao espaço escolar, vêm mudando, se transformando, ganhando novos formatos a partir das possibilidades do mundo digital. Os leitores, seguindo esse mesmo fluxo, tendem a se adaptar aos novos modelos, considerando que o livro no universo digital pode apresentar uma outra dinâmica. Temos exemplos dessas novas práticas de leitura com a popularização dos leitores de livros digitais, que têm sua leitura viabilizada pelos “Kindle” ou tablets, que já possuem em suas funções e ferramentas que incentivam a leitura, adaptando a luz e o contraste para atender às demandas do ato de ler em diferentes contextos.

É nessa discussão pedagógica e política que entendemos como fundamental o investimento em estudos que pensem nas práticas pedagógicas com essas novas tecnologias, visando à atualização do ambiente escolar em consonância com os avanços da sociedade moderna. Entender os ganhos qualitativos no uso do livro no universo digital significa pensar em aprendizagens ricas no que tange ao desenvolvimento de habilidades sociais para o uso da tecnologia no dia a dia, além da inserção na cultura emergente que vem ressignificando as formas de interação do sujeito com o mundo. Vale destacar que o campo de pesquisa aqui proposto passa por uma fase de ebulição nos estudos, vista a sua demanda, portanto, o artigo aqui apresentado visa à colaboração com a discussão mais geral que se instalou no campo da educação. Também destacamos que a pesquisa aqui desenvolvida busca justamente elucidar caminhos pedagógicos de práticas de leitura alinhadas ao contexto digital que perpassa as salas de aula, voltando-se a pensar nessa dinâmica — leitura e tecnologia — a partir do próprio aluno, protagonista do ambiente educacional e da escolarização.

O livro é um objeto versátil que perpassa os mais diversos processos de escolarização há séculos, sempre se reinventando e ampliando suas

possibilidades de existências. É imprescindível pensar que a sociedade tem mudado e as relações estabelecidas entre o ser humano e o mundo têm se modificado a partir dos novos mecanismos encontrados em nossa cultura. É indubitável a ideia de que essas mudanças têm sido fortemente influenciadas pelos avanços tecnológicos, que reconfiguram as formas de interação dentro de nossa sociedade.

Portanto, a partir da discussão proposta, o estudo desenvolvido tem por objetivo investigar a recepção dos jovens leitores ao livro digital de literatura infantil. Para isso, propomos uma intervenção pedagógica, a fim de averiguar a familiaridade das crianças com as novas tecnologias e analisar a percepção das crianças ao livro digital infantil e suas diferentes ferramentas.

Para isso, a pesquisa de abordagem qualitativa desenvolveu três intervenções com a turma de sessões de leitura de livros digitais de literatura infantil. Após as intervenções, os alunos que frequentaram todos os momentos – 14 dos 28 discentes da turma – participaram de uma entrevista semiestruturada em grupos de 4 ou 5 discentes. Para o tratamento dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo discutida por Franco (2003). Como referencial teórico, tomamos os estudos de Rezende (2019), Santos (2022) e Spalding (2012) para discutir o livro digital; as pesquisas de Amarilha (2009), Candido (2006) e Costa (2007) para pensar a respeito da literatura; e as contribuições de Fantin (2017; 2016) e Santaella (2004; 2013) para refletir sobre as intersecções entre Educação e Tecnologia.

Pensando o livro digital de literatura infantil

É preciso considerar que as tecnologias não mudam apenas a sociedade, mas os sujeitos que a compõem. Pessoas nascidas nas décadas de 1970

ou 1980 têm uma relação diferente com a tecnologia de quem nasceu na década de 1990, assim como estas têm uma relação diferente em relação às pessoas nascidas a partir de 2000. Cada geração constrói formas distintas de se relacionar com a tecnologia e, conseqüentemente, as tecnologias acabam ocupando espaços diferentes à medida que cada uma dessas novas gerações avança. Fantin (2017, p. 88) explica que essas novas gerações, a partir dos anos 2000, são compostas por “crianças e jovens produzindo conhecimentos os mais diversos, interagindo direta ou indiretamente com os pares, com a tecnologia e com as inúmeras produções culturais nos mais diferentes cenários da cultura”.

Nesse mesmo sentido, Santaella (2004) explica que a inserção da tecnologia no cotidiano da sociedade tem mudado a forma como nos relacionamos com o mundo e com nossos pares. Cada vez mais, temos aprendido novas formas de interagir e, por consequência, estamos abrindo novos canais de comunicação, utilizando outras linguagens, que outrora não eram tão usuais como são hoje. Lévy (1999) explica que esses novos espaços são virtuais, digitais, o que ele chama de ciberespaço: um ambiente abstrato ao qual é possível ter acesso considerando o avanço tecnológico. As gerações mais novas estão cada vez mais inseridas nesse ambiente virtual, fortalecendo a inter-relação entre cultura e tecnologia, como explica Licht (2017).

O último grupo geracional descrito anteriormente, considerando o fator de temporalidade — os sujeitos nascidos a partir dos anos 2000, que já tinham em seu cotidiano desde o nascimento as tecnologias digitais disponíveis — costuma ser mais flexível às novidades e aberto às possibilidades, assim como sensível às mudanças. Cararo (2014) explica que as crianças nas últimas décadas estão cada vez mais abertas a essas mudanças, já que a tecnologia faz parte desde sempre do mundo que conhecem. Coelho (2012, p. 90) postula que:

Essa nova geração é formada, especialmente, por indivíduos que não se amedrontam diante dos desafios expostos pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) e experimentam e vivenciam múltiplas possibilidades oferecidas por novos aparatos digitais. Portanto, esse fascínio [...] pela descoberta e experimentação deve ser explorado pela escola, de forma a direcioná-la para um ensino e uma aprendizagem que dialoguem e interajam com os novos meios tecnológicos.

Para Marôpo et al. (2022), esse grupo geracional se destaca por nascer em uma cultura digital e, com ela, desenvolver uma aproximação natural com os elementos dessa cultura, como a internet e seus mais diferentes recursos. No mesmo sentido, Batista, Pontes e Gonçalves (2022) argumentam que os jovens comumente têm competências que correspondem à presença da tecnologia na vida cotidiana. Considerando aspectos que perpassam o acesso à tecnologia com base no perfil socioeconômico, uma criança em um contexto favorável pode apresentar um potencial diferenciado no desenvolvimento de habilidades para o uso da tecnologia, vista a sua imersão na cultura digital, ou seja, um outro modo de experimentar a vida a partir da tecnologia das telas.

Um exemplo simples e até banal que corrobora com essa perspectiva é: solicite que uma criança de 7 anos de idade jogue um pião e observe seu desempenho nessa habilidade; em seguida, solicite que essa mesma criança localize no celular um aplicativo de reprodução de vídeos, geralmente o YouTube, e selecione um vídeo que deseje assistir, observando novamente seu desempenho na atividade. Após a simples experiência, reflita: com qual atividade a criança está mais familiarizada e apresentou melhor desempenho? Que fatores externos podem levar ao desenvolvimento das habilidades nessa criança? E o que está mais presente em seu cotidiano: um aplicativo de reprodução de vídeos ou um pião? Não iremos nos atrever a apresentar respostas às perguntas, porque essas serão marcadas por algumas subjetividades, sobretudo, um recorte

de classe social. Mas gostaríamos de destacar com a proposição da experiência que há uma tendência a se pensar nessas crianças como sujeitos que rapidamente se apropriam dos elementos culturais do universo digital.

Silva (2021), ao discorrer sobre a relação de crianças com a tecnologia, mais especificamente as linguagens presentes na era digital, detectou que os jovens apresentam o desenvolvimento de habilidades para o uso de aparelhos digitais a partir da cultura na qual estão inseridas. No cotidiano, aprendem a usar smartphones por conta da sua inserção na cultura digital antes mesmo de desenvolver as habilidades de leitura e escrita, que em tese, são demandadas na utilização do aparelho. Nesse sentido, é possível considerar, retomando a experiência proposta anteriormente, que há um potencial inerente à existência da criança ao crescer na cultura digital, de apresentar um desempenho significativo na proposta com o aplicativo, tendo em vista habilidades que vêm sendo desenvolvidas desde a mais tenra idade, quando iniciou o contato com a tecnologia.

Assim, é preciso que a escola se adapte às novas possibilidades considerando esses sujeitos que chegam muitas vezes à escola já familiarizados, quando não dominando, os diferentes elementos e linguagens da cultura digital, com o intuito de que essas tecnologias digitais sejam incluídas no currículo escolar e as gerações que adentram as instituições sintam que as mudanças da sociedade, as quais vivem cotidianamente, também fazem parte do ambiente educacional. Silva (2023, p. 257), considerando as mudanças da escola, explica que “é necessário compreender que há uma nova forma de aprendizagem por parte dos educandos. Em contrapartida, enquanto educadores, é necessário pensarmos em novas formas de ensinar para que o processo de escolarização possa de fato acontecer”. Entre essas novas possibilidades, fazendo o devido recorte para o nosso objeto de estudo, o

livro ganha novas formas na cultura digital, novas linguagens, novos modos de se apresentar. Disso temos o que chamamos neste estudo de livro digital, um fruto do avanço da tecnologia em nossa sociedade.

Pesquisas como as de Magalhães (2019), Rezende (2019), Spalding (2012) e Santos (2022) apontam sobre como o livro tem mudado ao longo do tempo e como essas mudanças têm sido recebidas em diferentes contextos, inclusive no ambiente escolar, implicando em desafios que precisam ser enfrentados considerando o desenvolvimento da sociedade em coerência com o avanço da tecnologia.

Nesse sentido, é fundamental que se tenha o desenvolvimento de competências que considerem as mudanças sofridas pelo objeto cultural, livro, sobretudo, no que diz respeito à inserção de diferentes linguagens em um mesmo artefato. Coelho (2012, p. 89) alerta que “para o desenvolvimento das competências e habilidades dessa nova geração de nativos digitais, a escola teve e tem que se reestruturar, pedagógica e fisicamente”, o que implica em formação docente e aquisição de suportes que permitam o contato com o livro em sua versão digital.

O livro digital faz parte de um leque de possibilidades de manifestação de tal artefato. Silva (2023, p. 261) explica que “é necessário compreender que quando falamos de livro, estamos tratando de uma diversidade de objetos culturais”. Buscando uma definição do objeto, Lacerda e Fardiarz (2018, p. 2) caracterizam o livro impresso como um “artefato presente no cotidiano de parte significativa das pessoas pertencentes à sociedade contemporânea [...]. Podemos, [...], afirmar que ‘livro’ é um conjunto de cadernos impressos que servem de suporte para a inscrição de algo”.

Porém, buscando restringir o conceito apresentado, Paiva (2010, p. 84) postula que livro digital ou e-book apresenta “um formato digital, que

pode ser lido em equipamentos eletrônicos, tais como computadores, PDAs ou até mesmo smartphones que suportam esse recurso”. Esse novo modelo de livro, atende em específico o tipo de leitor comumente encontrado no contexto escolar atual. Vale pontuar aqui que, ao falarmos de livros digitais, não estamos nos voltando às conversões de materiais impressos para o uso no aparelho eletrônico, como a simples digitalização de um livro comum, mas de objetos elaborados desde a gênese para a utilização em equipamentos digitais específicos, sejam computadores, tablets, celulares e outros, explorando as diferentes possibilidades e linguagens.

Nesse sentido, o livro digital pode ter uma outra dinâmica de manuseio e interação, assim como outras linguagens que não são comumente disponíveis nos livros impressos, como o movimento e o som. O artefato cultural em questão é fruto, por excelência, do momento histórico e social que vivemos, com a expansão da tecnologia, contexto globalizado e pós-moderno, e os interesses econômicos e políticos que estão no plano de fundo da modernização do livro.

É preciso considerar que o livro digital também responde a um leitor diferente dos que tínhamos comumente nas salas de aula em outros momentos da história: os leitores ubíquos. Para Santaella (2013), esse tipo de leitor implica em uma relação dinâmica entre as partes no processo de leitura, com isso, lidando com diferentes linguagens e permitindo distintas formas de se relacionar com o objeto em questão. Nessa mesma perspectiva, Silva (2023, p. 260) explica que:

O leitor ubíquo surge então a partir das possibilidades de interação da mídia digital, possibilitando uma leitura ativa sobre o objeto lido e respostas imediatas a essas ações. Esse tipo de leitor navega pelo ciberespaço acessando diferentes fontes e lidando com a cibercultura por meio dos mais diversos suportes, como celular, tablet, computador, e nas atualizações mais recentes, até relógios.

É esse modelo de leitor, nessa atual dinâmica com a cultura digital, que precisamos considerar no contexto escolar. Para Fantin (2023), é impossível, na contemporaneidade, não considerar a interface que há entre infância e tecnologia, o que, por sua vez, gera a demanda de entendermos a presença do leitor ubíquo em nossas escolas. Esse leitor, para além de ler o objeto estático, está disponível para se relacionar com o livro com múltiplas linguagens de diferentes formas. Com isso, a tecnologia evoca da escola práticas que entendam essas dimensões da atualidade e acolham os avanços digitais como aliados de um ensino exitoso e de aprendizagens significativas.

Nesse sentido, o estudo aqui apresentado visa justamente pensar nesse leitor em interação com o livro digital infantil, já que nos voltamos a jovens leitores, com ênfase especial nas crianças. É preciso buscar compreender como essa relação pode colaborar para propostas pedagógicas exitosas, ensino de qualidade e evolução do ambiente escolar. É fundamental pensar sobre a necessidade de que a escola acompanhe os avanços da sociedade e entenda a tecnologia como um caminho possível para a atualização e o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas.

Uma vez apresentado o formato, cabe, então, pensar no conteúdo: o que ler no livro digital? Atualmente, é possível encontrar no mercado editorial livros didáticos no formato digital, os quais a editora organiza tanto o material impresso quanto o material para o uso nos equipamentos eletrônicos. Também é possível localizar com facilidade revistas digitais e histórias em quadrinho. Entretanto, nos voltaremos ao livro digital de literatura infantil, um objeto cultural que, por meio da palavra na tela digital, acessa sentimentos e provoca emoções.

Compreender que o texto literário é uma construção ficcional munida de “um sistema simbólico de comunicação inter-humana” (Candido, 2006, p. 31). Nesse sentido, a literatura é, por excelência, plurissignificativa, permeada por uma linguagem conotativa e por metáforas (Culler, 1999) e que, como uma expressão estética, provoca no leitor a experimentação de diferentes emoções, permitindo ter contato do belo ao horrendo por meio da palavra. Costa (2007, p. 16) ainda nos explica que o texto literário “se relaciona direta e exclusivamente com a arte da palavra, com a estética e com o imaginário”. Nesse sentido, enquanto seu status de arte, a literatura é um evento social de inquietação, provocação, deleite e reflexão.

Com isso, concordando com Candido (2011) ao entender que a literatura é um direito de todos ao humanizar o cidadão, e com Amarilha (2009) ao postular que a literatura não apenas humaniza, mas educa o sujeito para além das disposições previstas na formalidade do currículo escolar, compreendemos como fundamental que o texto literário se materialize nos espaços educacionais das mais diferentes formas ou por meio dos diversos canais. Aqui, destacamos que assim como a literatura se transformou ao longo do tempo, mudando sua forma e conteúdo, seu suporte, o livro, também sofreu transformações, perdendo sua exclusividade com a impressão, e se encontrando nas telas digitais dos mais diferentes equipamentos. Com isso, o texto literário, sem perder de vista a palavra, sua matéria-prima, ganha novas linguagens e novas formas no livro digital, garantindo assim uma outra experiência estética. Vale pontuar que, ao discutirmos uma literatura infantil, estamos falando de uma arte que se manifesta por meio da palavra e se volta para um público específico: a criança.

Entretanto, apesar de a literatura possuir séculos de existência, com diversas transformações dadas pelo contexto histórico, social e cultural, o formato digital ainda pode ser entendido como uma novidade. Com isso,

identificamos, ao longo deste estudo, um número restrito de livros digitais de literatura infantil, sobretudo quando prezamos pelas qualidades do texto literário postuladas por Culler (1999), entre eles a plurissignificação, a subjetividade, a ficcionalidade e a inteligibilidade. Estão disponíveis hoje na internet obras de literatura que originalmente eram impressas e foram digitalizadas, o que não se enquadra em nosso conceito de livro digital; e livros digitais que, em nossa leitura, não podem ser entendidos como literatura infantil. Com esses filtros, podemos compreender que ainda há uma certa escassez de produções de livros digitais de literatura infantil, sobretudo de acesso livre e gratuito.

O livro digital de literatura infantil em uso

O estudo proposto tem como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa. Compreendemos que “a pesquisa qualitativa se baseia principalmente na percepção e na compreensão humana” (Stake, 2011, p. 21). Em outras palavras, essa abordagem metodológica está intrinsecamente ligada à interpretação do pesquisador em relação aos dados coletados. Essa interpretação é influenciada tanto pela subjetividade do pesquisador quanto pelo referencial teórico que embasa o estudo. Além disso, a investigação qualitativa “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70). Nesse contexto, a pesquisa se concentra em interpretar o fenômeno e atribuir significados às realidades investigadas.

Quanto ao procedimento do estudo, a pesquisa se caracteriza como uma intervenção pedagógica. Para Damiani et al. (2013), os estudos desse tipo consideram o planejamento e a implementação de uma intervenção, analisando as respostas dessa ação sobre o grupo que participou do

momento. Para a autora e seus colaboradores, as pesquisas que fazem uso da intervenção pedagógica são estudos aplicados, que buscam promover uma mudança sobre os participantes da investigação, além de necessitar de um diálogo denso com o referencial teórico e a busca pela produção do conhecimento.

Para o desenvolvimento do estudo, foi realizada uma intervenção pedagógica com três sessões de leitura de livros digitais de literatura infantil em uma turma de 2º ano do ensino fundamental de uma escola pública na cidade de Fortaleza – CE, com 28 discentes de 7 a 8 anos. A instituição de ensino e os discentes pertencem a um bairro periférico e carente da capital cearense, com alta vulnerabilidade social.

Os alunos variam entre leitores fluentes e crianças que conseguem ler palavras simples pausadamente. Em contato prévio com o professor responsável pela turma e colaborador do estudo aqui proposto – graduado em pedagogia, mestre em educação e efetivo da rede de ensino – nos foi relatado que, apesar da leitura literária fazer parte do cotidiano da turma, assim como práticas com a tecnologia, como pesquisas na internet e discussões de filmes, até o momento da intervenção os discentes não tinham tido contato com o livro digital de literatura infantil. O professor-colaborador, além de participar do planejamento e execução da intervenção, também viabilizou junto à escola os equipamentos necessários para as sessões de leitura, entre eles: projetor, caixa de som, computador para uso dos professores e computadores para uso das crianças. Destaca-se que a escola, por meio do projeto da Sala de Inovação, implementado na rede de ensino de Fortaleza, possui 40 Chromebooks para práticas com os alunos, nos quais os discentes podem fazer uso do equipamento.

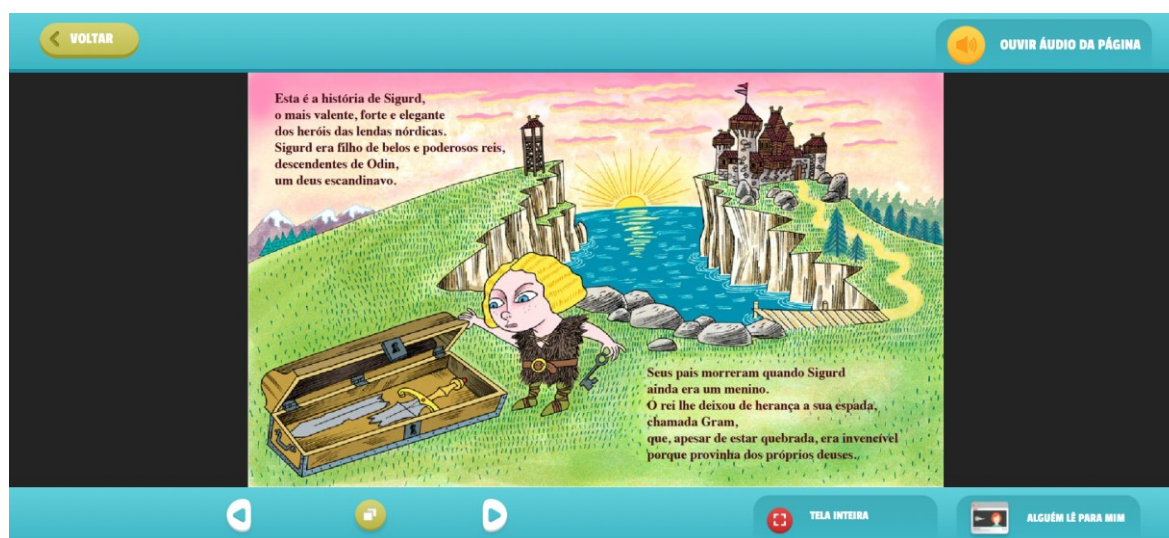
Com base nesse panorama inicial, foram organizadas as três sessões de leitura do livro digital de literatura infantil que têm como metodologia norteadora a andaimagem. Para Graves e Graves (1995, p. 1), a metodologia de leitura por andaimes se constitui como “uma série de atividades especificamente desenhada para assistir um grupo [...] a ler com sucesso, entender, aprender, e apreciar uma seleção particular de textos”. A proposta, em uma perspectiva vigotskiana, busca trabalhar a leitura tendo em vista as zonas de desenvolvimento do sujeito — real, proximal e potencial —, buscando explorá-las com o fim de transformar a leitura em um momento significativo, estimulando a curiosidade, criticidade e criatividade do leitor (Graves; Graves, 1995).

Com isso, a andaimagem é metodologicamente dividida em duas etapas: o planejamento, que compreende toda a etapa de sistematização da intervenção, buscando explorar todo o potencial da leitura; e a implementação, que por sua vez é subdividida em outras três etapas: pré-leitura, momento ao qual é provocada a motivação para a leitura, pré-ensino de vocabulário, apresentação do texto, dos autores e ilustradores e o levantamento de hipóteses a partir dos elementos pré-textuais; leitura: é o contato com o texto, que pode acontecer de diferentes formas, como leitura silenciosa, em grupo, mediada, entre outras; pós-leitura: discussão sobre o texto, sobre as hipóteses levantadas anteriormente e possíveis reflexões a partir da leitura.

Tendo em vista o tempo para o desenvolvimento do estudo, para a intervenção foram selecionados três livros do acervo virtual do projeto Espaço de Leitura do Laboratório de Educação, uma ação não governamental que busca sensibilizar adultos quanto ao processo de aprendizagem das crianças, em parceria com o Itaú Social. O Espaço de Leitura disponibiliza sete livros digitais de literatura infantil gratuitamente na internet, com narrativas que permitem que o leitor juvenil possa ler

sozinho, ler e ouvir a narração ou assistir à leitura do texto, além de ter disponíveis jogos educacionais que têm como plano de fundo as histórias lidas, e orientações para pais e professores visando à prática com o material. A figura 1 ilustra como o livro digital funciona, apresentando a narrativa, a ilustração, os ícones que acionam a leitura em áudio e vídeo, os ícones que permitem passar as páginas, assim como visualizar um panorama geral.

Figura 1 - página inicial do livro digital “A lenda de Sigurd”



Fonte: Espaço de Leitura.

Com isso, foram planejadas três sessões de leitura que aconteceram durante o mês de maio de 2024, mediadas pelo pesquisador responsável pelo estudo em colaboração com o professor da turma. As sessões foram esquematizadas sinteticamente no quadro a seguir:

Quadro 1 - Sessões de leitura dos livros digitais de literatura infantil

	1º Sessão de Leitura	2º Sessão de Leitura	3º Sessão de Leitura
Pré-leitura	Levantamento prévio sobre os aparelhos digitais, explorando o celular, o tablet e o computador; Discussão sobre os diferentes formatos do livro; Apresentação do livro digital; Exploração dos elementos pré-textuais do livro e levantamento de hipóteses.	Discussão sobre diferenças e semelhanças entre o livro digital e o livro impresso; Retomada de como o livro digital pode ser manuseada; Exploração dos elementos pré-textuais do livro e levantamento de hipóteses.	Retomadas dos encontros anteriores, e discussão sobre como ler no livro digital: lembrando os ícones disponíveis no material; Acordos e orientações para o uso do chromebook; Exploração dos elementos pré-textuais do livro e levantamento de hipóteses.
Leitura	Leitura em voz alta pelo professor - Livro projeto no quadro. Livro: A lenda de Sigurd Autor: Cecília Frers Ilustração: Lluísot	Leitura com o recurso de áudio do livro - narração própria do material - Livro projeto no quadro. Livro: O duende Gumercindo Autor: Maria Fernanda Nieto Ilustração: Isabel Lozano	Leitura em duplas nos chromebooks - as crianças manusearam sozinhas os equipamentos, apenas com a supervisão dos professores. Livro: Onde está o meu cachorro? Autora: Loli Acebel Ilustradora: Maria Corte
Pós-leitura	Discussão dos elementos literários e das hipóteses: a figura do herói e seus feitos; Discussão sobre a 1ª experiências com a leitura do livro digital, impressões iniciais; Exploração dos jogos propostas na plataforma	Discussão dos elementos literários e das hipóteses: as criaturas mágicas e umas aparições na narrativa; Discussão sobre o recursos em áudio do livro digital e sua utilização; Exploração dos jogos propostas na plataforma	Discussão dos elementos literários e das hipóteses: estímulo à curiosidade durante a leitura; Discussão sobre a experiência de manusear o equipamento para a leitura literatura.

Fonte: elaboração do autores.

Chamamos a atenção para um ponto fundamental: durante as sessões de leitura, apesar da discussão sobre o conteúdo da obra literária, buscamos priorizar espaços destinados à discussão sobre as experiências específicas

com o livro digital, considerando o objetivo proposto no estudo. Compreendemos a fundamental importância da discussão sobre o texto literário com os alunos, porém, em vista dos objetivos propostos na pesquisa, nos voltamos às respostas das crianças especificamente sobre a leitura no livro digital, o que pode ou não incorrer na recepção literária.

Após as três sessões de leitura, foram organizadas entrevistas semiestruturadas e coletivas com os alunos. Stake (2011, p. 43) explica que a técnica em questão, no contexto de pesquisas qualitativas, busca “obter informações singulares ou interpretações sustentadas pelas pessoas entrevistadas” e “descobrir sobre ‘uma coisa’ que os pesquisadores não conseguiram observar por eles mesmos”.

Nesse sentido, o momento aconteceu fora da sala de aula, na biblioteca, com dois grupos de 5 alunos e um grupo de 4 alunos. Participaram das entrevistas os alunos que estiveram nas três sessões de leitura, totalizando 14 sujeitos. Durante o momento, foram feitas 5 questões abertas sobre as experiências com o livro digital para nortear as conversas, com recursos impressos e digitais disponíveis para auxiliar no acesso à memória dos discentes, como as capas dos livros impressos e um tablet para consulta ao material. Para a análise, utilizaremos as respostas das crianças durante as entrevistas realizadas e alguns elementos pontuais das sessões de leitura.

Para a análise dos dados construídos na pesquisa, utilizaremos a sistematização proposta pela análise de conteúdo. Franco (2003, p. 16) postula que “toda análise de conteúdo implica em comparações contextuais”, o que faz com que a técnica dialogue com nossa abordagem qualitativa, quando se preocupa em entender o contexto da realidade em que a investigação está sendo feita. Severino (2013, p. 105) também esclarece que a análise de conteúdo “é uma metodologia de tratamento e

análise de informações constantes de um documento, sob forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens: escritos, orais, imagens, gestos”. Com isso, a partir do material coletado no campo de pesquisa, as informações são categorizadas a fim de construir um corpus de análise que nos permita entender a realidade investigada (Franco, 2003). A partir desse percurso metodológico, foram construídos os resultados da investigação.

A recepção das crianças ao livro digital de literatura infantil

Nas discussões durante as entrevistas, identificamos a partir das falas das crianças três categorias de análise que elucidam a recepção dos jovens leitores sobre o livro digital de literatura infantil. Vale lembrar que as intervenções foram os primeiros contatos dos sujeitos com o livro nesse formato. Com isso, o status de novidade, somado ao prestígio da tecnologia no universo infantil, colaborou para o envolvimento maciço das crianças durante as sessões de leitura e o engajamento nas discussões das entrevistas. Novamente, é salutar pontuar que as crianças são de bairros periféricos da cidade de Fortaleza – CE, onde seu contato com a tecnologia digital muitas vezes se restringe ao celular, quando não ao computador no contexto escolar.

A partir das respostas das crianças, três categorias foram elaboradas. Vale pontuar que todas as categorias apareceram nas três entrevistas realizadas, nos grupos de 4 e 5 crianças. Dependendo do grupo, uma categoria acabava por se destacar mais que a outra, porém, as três sempre eram citadas. É importante pontuar que, por conta da natureza da entrevista semiestruturada, apesar das perguntas norteadoras, as crianças poderiam falar abertamente sobre as experiências com os livros, cabendo ao mediador da entrevista, o pesquisador, ordenar o diálogo para que os

sujeitos respeitassem os turnos de fala e para que fosse possível oportunizar espaços na conversa para todos os entrevistados.

Assim, as três categorias de análises percebidas nas conversas foram:

- **Interação com o livro digital de literatura infantil:** como o objeto pode ser utilizado com autonomia pelas crianças, considerando as possibilidades em seu cotidiano e o envolvimento particular do leitor.
- **Caracterização do livro digital de literatura infantil:** que elementos foram percebidos pelas crianças como constituintes do objeto em questão.
- **Acessibilidade do livro digital de literatura infantil:** que elementos facilitam o acesso ao livro ou podem se constituir como barreira para o uso com independência pelas crianças.

As três categorias nos ajudam a entender como o livro digital de literatura infantil foi percebido pelas crianças. A primeira categoria, **a interação com o livro digital de literatura infantil**, apresenta um aspecto a ser destacado: o interesse particular das crianças pelo livro digital por ser um objeto cultural que lida diretamente com a tecnologia. É preciso reforçar a compreensão de que a cultura digital permeia o cotidiano dos alunos e faz parte das práticas diárias de diferentes formas, alguns se restringindo ao celular e outros utilizando computadores, tablets e demais equipamentos. Na primeira sessão de leitura, questionamos sobre quais aparelhos digitais os alunos tinham contato. Dos 20 alunos presentes, todos afirmaram terem contato com celulares, 11 com tablet e apenas 5 com computadores. Ao questionar sobre as atividades que eles desenvolvem nesses equipamentos, foi possível sistematizar o seguinte quadro:

Quadro 2 - atividade desenvolvidas nos equipamentos digitais

Computador	Tablet	Celular
<p>Escrever Estudar Jogar Assistir filmes Desenhar Digitar Trabalhar</p>	<p>Desenhar Estudar Pesquisar Ver fotos Jogar Assistir filmes Ouvir música Gravar</p>	<p>Ver as horas e a data Conversa no Whatsapp Ligar Ver o Tiktok Ouvir música Assistir no Youtube Jogar Pesquisar no Google Calcular Usar a lanterna</p>

Fonte: elaboração dos autores

Ao questionarmos às crianças sobre quais atividades mais gostam de desenvolver em cada dispositivo, um consenso comum da turma foram os jogos. Além disso, no computador também indicaram assistir a filmes e no celular utilizar o aplicativo TikTok.

Nesse sentido, é possível visualizar uma familiaridade dos sujeitos da pesquisa com os equipamentos digitais e, com isso, durante as sessões, um certo desejo de utilizar os dispositivos de forma autônoma. Vale pontuar que no painel anterior não apareceu entre as atividades a "leitura", apesar de ter opções como "escrever", "estudar" e "pesquisar". Como já pontuado, o professor da turma sinalizou que há práticas com o uso dos computadores que envolvem justamente atividades de pesquisa. Com isso, propostas com o livro digital de literatura infantil podem indicar uma outra atividade para as crianças, a leitura, a ser considerada, ampliando a forma como lidam com os aparelhos digitais.

Nas entrevistas, ao fim das sessões, foi possível perceber que as práticas com os livros digitais provocaram nas crianças o entendimento sobre uma outra forma de interagir com os dispositivos, como no trecho a seguir:

Arthur¹: Pode baixar no celular?

Pesquisador: Pode baixar no celular, no tablet

Marcus: E pode ler no celular?

Pesquisador: Sim, os livros digitais vocês conseguem ler no celular

Marcus: vou pedir para a minha mãe baixar e daí eu leio em casa (Entrevista - Grupo 2)

O mesmo debate sobre a usabilidade do livro digital no celular aconteceu em outro grupo nas entrevistas:

Pesquisador: Qual vocês preferem?

Todos: Digital

Joana: Principalmente dar para usar nessas coisas e não comprar o livro

Pesquisador: Quais coisas?

Joana: Dar para usar no computador, no tablet, no celular. Daí eu consigo pedir a minha mãe e ler em casa, sem ela gastar dinheiro indo comprar. Não precisa comprar o livro digital, o livro normal a gente precisa comprar. Quem for comprar, é só já ter o celular, o computador, que não precisa comprar. Dar para ler em casa.

Flora: Então eu posso ver no celular?

Pesquisador: Sim

Flora: Então quando eu chegar em casa eu vou ver os outros (Entrevista - Grupo 3)

É possível perceber nas falas de Arthur, Marcus, Flora e Joana que, ao ter contato com o livro digital, eles compreenderam que há a possibilidade da atividade da leitura nos aparelhos digitais, principalmente nos celulares, equipamento mais comum em seus respectivos cotidianos. Silva (2021) sinalizou a familiaridade dos alunos com os smartphones, apontando para a autonomia no uso e o envolvimento de crianças com o aparelho, sendo este um objeto de desejo considerando seu potencial de entretenimento. Quando consideramos a possibilidade de leitura no aparelho celular, o potencial de entretenimento se soma ao potencial educacional em diferentes dimensões, levando em conta a colaboração no desenvolvimento da habilidade de ler, que diz respeito ao processo de

¹ Pontuamos que os nomes utilizados para os discentes são fictícios, com o objetivo de preservar a identidades dos alunos.

alfabetização, além do potencial da literatura em ensinar sobre modos de vida por meio de experiências estéticas, como coloca Costa (2007).

Com isso, no momento em que a criança toma consciência sobre a possibilidade de leitura literária no aparelho digital, como o celular que está em seu cotidiano, a dimensão pedagógica da tecnologia se amplia. Destaca-se que não é possível garantir que de fato os alunos façam uso do livro digital em casa, mas aqui, destacamos que a consciência sobre a possibilidade é um primeiro passo para uma nova forma de interação com o aparelho. Tal aspecto se reforça no momento em que as crianças desejam fazer uso do equipamento com autonomia, como no trecho abaixo:

Pesquisador: Quais das leituras vocês preferiram?

Rosa: Eu gostei mais desse porque a gente pode ler sozinha e a gente aprende mais a ler e a mexer no computador.

João: Eu prefiro mexer sozinho, porque eu leio rápido.

Mariana: Eu prefiro que o professor ou o livro leia para mim.
(Entrevista - Grupo 1)

É possível perceber que a possibilidade de uso autônomo do aparelho digital desperta o desejo das crianças pela prática. A interação direta com a cultura digital possibilita, além do desenvolvimento das competências para o manuseio do equipamento, a consciência sobre a forma de uso, permitindo que façam suas próprias escolhas e sigam seu próprio ritmo. O diálogo a seguir reforça essa lógica:

Pesquisador: O que vocês preferem, o professor lendo, o livro lendo ou vocês lendo?

Arthur, Marcos e Fábio: o livro lendo

Sofia: Nós

Marcus: É, a gente lendo sozinho, porque a gente aprender ler e aprender as letras cursivas

[...]

Maria: Eu queria ficar só usando o negócio do livro para falar. Ou que alguém fizesse pra mim, como você fez lá na sala.

Arthur: Eu gostei de mexer, a pessoa pode fazer as coisas sozinho, não preciso esperar os outros. (Entrevista - Grupo 2)

Com a possibilidade de autonomia, reforça-se a ideia de que as crianças podem fazer uso do livro digital em diferentes contextos, sobretudo no âmbito familiar, por meio dos celulares. Para Rezende (2019, p. 10), “com o crescente uso da tecnologia móvel, aprender independe do local, ficando a decisão apenas pela vontade de buscar conteúdo que propicie o aprendizado disponível em diversas mídias e recursos”. Obviamente, por se tratar de crianças, os incentivos familiar e docente são fundamentais. No entanto, destacamos que a possibilidade de uso do livro digital de literatura infantil amplia o campo pedagógico, estimulando a autonomia e a aprendizagem diversa de forma lúdica e interativa, considerando não só a narrativa contida no texto literário, mas os recursos do livro digital, como a narração da própria obra e os jogos atrelados às histórias.

Com isso, é possível perceber, a partir da fala das crianças, que, com a interação com o livro digital de literatura infantil, a forma como lidam com a tecnologia pode ser alterada, ganhando outras dimensões educacionais que perpassam a alfabetização, a literatura e a cultura digital. Essa nova forma de lidar com os aparelhos digitais amplia o potencial educacional da tecnologia, estimula a autonomia e a aprendizagem, além de, em certa medida, democratizar o conhecimento.

Na segunda categoria, a **caracterização do livro digital de literatura infantil**, um ponto de destaque durante as entrevistas, o que viabilizou a elaboração desta, foram os elementos que constituem o livro digital de literatura infantil. Vale pontuar que o repertório de livros digitais que as crianças que participaram do estudo em tela possuem é restrito, tratando-se apenas de alguns exemplares da coleção do projeto Espaço Leitura. Nesse sentido, é possível compreender que os elementos apresentados por elas se voltam a esse acervo, não suprimindo a demanda de apresentar todos os elementos possíveis de um livro digital, por exemplo, ilustrações

com movimentos ou elementos sonoros com sons ambientes, como nos livros do acervo do projeto “Leia com uma criança”, também do Itaú. Com isso, a categoria aqui apresentada busca compreender que elementos, a partir do acervo trabalhado, foram mais relevantes no contato dos sujeitos da pesquisa, os jovens leitores, com os livros digitais.

As crianças elaboraram a compreensão sobre o livro digital tomando como referência cognitiva o livro impresso, considerando suas semelhanças e diferenças, a fim de entender o novo objeto trabalhado. Ao se questionar sobre tal aspecto, os sujeitos da pesquisa elencaram elementos que são comuns em ambas as produções, digitais e impressos:

Pesquisador: O que tem de diferença no livro digital para o impresso?

Flora: os dois livros tem nome, tem os desenhos, tem a história e tem o nome dos homens [se referindo ao autor e ilustrador], mas só esse [apontando para o livro digital] a gente consegue jogar e fazer a mulher ler.

Paulo: Os livros sempre têm histórias e desenhos, mas nesse [apontando para o livro digital] a gente consegue em um só negócio ver várias histórias, e no normal a gente tem que pegar outros livros para ver outras histórias (Entrevista - Grupo 3).

Observe que no diálogo, Flora e Paulo apontam que livros impressos e digitais de literatura infantil apresentam como elementos comuns o título, as ilustrações, o texto (ela se referindo a textos narrativos, comuns nas práticas pedagógicas), autor e ilustrador. Costa (2007) apresenta a ideia de que é comum o livro de literatura infantil ter o texto acompanhado da ilustração, a fim de cativar o leitor juvenil que está em processo de desenvolvimento da leitura. É possível perceber como as crianças constituem cognitivamente a ideia de livro a partir dessas referências, independentemente do formato, digital ou impresso. Além disso, é possível entender que, justamente por essas semelhanças, o formato digital entrará para elas na categoria cognitiva de “livro”, enquanto objeto que tem uma narrativa a ser lida, verbal e visual.

Obviamente, a experiência estética com a construção narrativa a partir da obra pode variar de leitor para leitor. Durante as entrevistas, pudemos observar elementos que apontam para essa experiência, como o caso de Marcus que questionou as atitudes do personagem herói da primeira história: “eu gostei muito da história do dragão, mas não gostei do Sigurd, porque ele que mexeu com o dragão sem ter feito nada” (Entrevista - Grupo 2). Ou o caso do João que não gostou das ilustrações do primeiro livro: “não gostei dos desenhos, achei horrível, mas a história é boa, eu gostei que o homem matou o dragão” (Entrevista - Grupo 1). A experiência estética a partir do texto literário, como aponta Amarilha (2009), é subjetiva e individual, e se relaciona com as crenças, valores e formas do leitor entender o mundo.

Nesse sentido, podemos identificar a unidade “livro” na compreensão dos sujeitos da pesquisa, apresentando não só os elementos constituintes do objeto, mas a experiência estética que o livro de literatura provoca, sendo ele impresso ou digital. Porém, para além das semelhanças, as crianças também destacaram com ênfase as diferenças nas obras. Isso pode ser visto ainda nas falas de Flora e Paulo, no primeiro trecho, ou no trecho a seguir:

Marcus: Nele [se referindo ao livro digital] a gente passa a página com o dedo, e tem jogos também. E a gente tem que ler ele ou o livro mesmo ler.

Fábio: Se apertar aqui tem como alguém ler para nós.

Pesquisador: Qual livro vocês preferem, o impresso ou o digital?

Todos: o digital

Pesquisador: Por quê?

Marcus: Porque esse aqui ele lê pra gente sem precisar de ninguém.

Fábio: Dá para a gente ler e o livro ler pra gente

Arthur: Dá para a gente jogar e pesquisar

Marcus: Dá para olhar quantas páginas tem

Pesquisador: Mas no livro impresso também consegue ver quantas páginas tem

Sofia: É só olhar no número

Marcus: Mas nesse [apontando para o livro digital no tablet] dá para ver quais páginas são as legais com esse negócio [apontando para o ícone que permite ver um panorama todas as páginas do livro]. (Entrevista - Grupo 2)

A partir das falas, é possível perceber elementos que são constituintes do livro digital, como os jogos disponíveis na plataforma que tem como base as histórias dos livros, um elemento que chamou fortemente a atenção das crianças durante as sessões. Destacamos que os jogos são atividades de forte interesse das crianças, como visto no quadro 2 do tópico anterior. Nesse sentido, a obra literária no formato digital que une a sua dinâmica aos jogos educacionais apresenta um maior potencial de atrair o público juvenil, considerando seus interesses com a tecnologia.

Os recursos do livro digital permitem uma outra forma de interação entre o objeto e o leitor. Por exemplo, o recurso em áudio do livro, no qual a história é narrada página por página, chamou a atenção dos sujeitos em processo de alfabetização que não conseguiriam ler o livro na íntegra. Também a possibilidade de verificar quantas páginas o texto tem e quais têm ilustrações mais chamativas, graças ao recurso que apresenta um panorama do livro. Esses elementos, que são inviáveis em um livro impresso, foram marcantes na construção cognitiva das crianças sobre o que caracteriza um livro digital e como ele se diferencia do impresso.

Cararo (2014, p. 68) ainda explica que os livros digitais podem oferecer “uma nova experiência de leitura ao agregar outras mídias possíveis e recursos, como áudio, vídeo e interação *touch* nos dispositivos mobile”. Essa nova experiência foi sentida pelas crianças a partir dos recursos de narração em áudio, forma de manuseio do texto e dinâmica com elementos externos ao próprio texto, como os jogos disponíveis. Os livros digitais, nesse sentido, permitem que o leitor construa uma relação diferente com o conteúdo literário, explorando linguagens e interações

diversas das comuns no texto impresso. Com isso, não desejamos estabelecer uma relação de hierarquia entre o impresso e o digital, mas apresentar que há, a depender do formato, interações diferentes entre o leitor e o livro. O trecho a seguir reforça essa relação:

Pesquisador: O que mais gostaram do livro digital?

Rosa: o que mais gostei desse [apontando para o livro digital no tablet] é porque a pessoa pode contar a história para você, a gente não fica esperando o professor.

Mariana: Eu gosto mais porque tem jogos [se referindo ao livro digital], e dá para a pessoa ler para nós.

Rosa: que nem eu já falei (Entrevista - Grupo 1).

A partir do exposto, é possível visualizar, sobretudo na fala de Rosa, a ideia de que o livro digital, por meio dos seus recursos, permite maior autonomia para os jovens leitores. Dessa forma, é possível compreender que as crianças consideraram, para a caracterização do livro digital, suas semelhanças com o livro destinado à infância e os elementos que extrapolam o formato tradicional, permitindo uma experiência diferenciada com a obra, com novas linguagens e outras formas de manuseio.

Na terceira categoria, **a acessibilidade do livro digital de literatura infantil**, um aspecto necessário a ser considerado nas práticas com o livro digital de literatura infantil é a sua acessibilidade. Destacamos que, ao falar de acessibilidade, estamos considerando o conceito de forma ampla e não restrita às discussões da Educação Especial. Com isso, nos voltamos a pensar em como o livro digital é acessível às crianças, considerando aspectos inerentes ao uso da tecnologia, à organização/elaboração do material e às práticas pedagógicas. Todos esses aspectos foram apresentados durante as entrevistas pelos próprios alunos. Na terceira sessão de leitura, foi proporcionada aos alunos a leitura em dupla com o uso dos computadores, como ilustra a figura seguir:

Figura 2 - Leitura em dupla no chromebook



Fonte: registro do autor

Porém, nessa situação, os alunos apresentaram certa dificuldade com o manuseio do equipamento para a realização da leitura do livro digital. O trecho a seguir exemplifica as dificuldades apresentadas por mais de um discente:

Pesquisador: O que acharam da experiência de ler sozinhos?

Maria: Horrível

Pesquisador: Por que? Qual dificuldade você teve?

Maria: É que eu não sei mexer muito bem em computador

Sofia: Eu também não, mas eu fiquei lembrando do que o senhor falou para passar as páginas, apertar naquele negócio [apontando para o ícone de passar páginas no livro digital disponível no tablet]. (Entrevista - Grupo 2)

É importante que façamos aqui um recorte de classe: as crianças são oriundas de famílias humildes e, com isso, o acesso a equipamentos tecnológicos como computadores pode ocorrer única e exclusivamente no contexto escolar. Vale lembrar que, no momento anterior, apontamos como o contato doméstico com computadores é escasso no grupo de sujeitos investigado. E mesmo que o professor responsável pela turma tenha nos informado que há práticas que envolvem pesquisas nos computadores, tais propostas não ocorrem com recorrência suficiente

para possibilitar o desenvolvimento de maiores habilidades com os equipamentos.

Nesse sentido, há uma barreira a ser superada no que tange à leitura do livro digital no computador, aspecto que pode não acontecer no uso de equipamentos com os quais as crianças tenham maior familiaridade, como celulares. No trecho a seguir, é possível visualizar novamente o dilema das crianças quanto ao uso do computador:

Pesquisar: Vocês acharam algo difícil para ler o livro?

João: Não.

Rosa: Eu achei mais ou menos, porque a letra é cursiva, e eu não sei todas as letras cursivas do alfabeto.

João: Eu consigo

Pesquisar: E usar o computador, foi difícil?

João, Mariana, Rosa e Pedro: Não

Carol: Sim.

Rosa: Ela mal mexeu, ela não tem computador em casa.

Carol: Eu não sabia mexer no negócio [mouse]

Rosa: Eu mexi para ela (Entrevista - Grupo 1)

Batista, Pontes e Gonçalves (2022) sugerem que há uma relação entre idade e desenvolvimento de competências com a tecnologia digital. No âmbito das competências operacionais, que se voltam às habilidades de manuseio dos equipamentos, podemos afirmar que, à medida que as crianças avançam no uso de computadores, maiores habilidades terão. Entretanto, no caso de famílias com menor poder aquisitivo, é necessário que a escola invista no desenvolvimento de tais habilidades, ampliando as práticas com o uso de computadores. Vale destacar que as competências com tecnologias podem permitir o acesso do sujeito a camadas da sociedade que demandam tais habilidades. Uma educação que pensa o desenvolvimento do sujeito na cultura digital se constitui como parte de uma educação democrática, que busca igualar as oportunidades de todos dentro da sociedade.

Além das questões de uso da tecnologia, outros aspectos de cunho pedagógico também foram questionados pelas crianças quanto à

acessibilidade, como a fala de Paulo no trecho anterior ou o que foi posto no trecho da entrevista abaixo:

Pesquisador: Sentiram alguma dificuldade lendo sozinhos?

Marcus: Senti, porque não conheço muito bem essas letras. No computador é diferente. Eu sei um pouquinho dessas letras, só me confundi algumas.

Maria: Esse aqui [apontando para a imagem da capa do livro “A lenda de Sigurd”] era muito difícil de ler, porque estava no quadro, e a letra ficou muito pequena, não dava para ver. A gente ficou só escutando.

Pesquisador: Esse aqui ficou melhor? [apontado para a imagem da capa do livro “O duende gumercindo”]

Maria: Sim, esse aqui ficou melhor para ver as letras. (Entrevista - Grupo 2)

Nas falas de Paulo e de Marcos, há uma questão quanto ao tipo da letra utilizada nos livros. Apesar de o menino afirmar que eram letras “cursivas”, na verdade se tratava de letras maiúsculas e minúsculas com serifas, como pode ser visualizado na figura 1 exposta no tópico anterior. Vale pontuar que o próprio site do Espaço Leitura sugere o material para crianças de 6 a 8 anos de idade. Entretanto, as questões de tipografia, tanto em relação à fonte quanto ao tamanho da letra, se constituíram como elementos que dificultaram o contato das crianças com o material. No trecho a seguir, também é possível visualizar a mesma questão:

Pesquisador: Qual livro vocês preferiram?

Paulo: O do cachorro

Flora: Porque teve aventura, e a gente mexeu sozinho. Mas o texto era muito grande, deu trabalho ler, eu quase não consegui. E a letra era pequena também no computador.

Joana: Eu também achei a letra pequena, mas eu pegava a setinha e ficava acompanhando para não me perder

Carlo: Era muito texto, eu queria ficar trocando, ler um pouquinho e deixar a moça do livro ler outro pouquinho (Entrevista - Grupo 3).

Rezende (2019) chama a atenção para o fato de que a elaboração de um livro demanda o planejamento de sua composição, considerando o público ao qual se destina. Nesse sentido, o acervo em questão precisaria levar em conta que crianças nessa faixa etária geralmente estão em fase de

alfabetização e, com isso, têm maior familiaridade com letras maiúsculas, de preferência sem serifas, a exemplo da fonte Arial.

Uma possibilidade, a fim de atender a todos e que, por conta do formato digital, pode ser viável, seria a opção de alterar o padrão das letras. O leitor poderia escolher entre: apenas maiúsculas para crianças que ainda não têm familiaridade com letras minúsculas, ou a junção dos dois tipos, como ocorre atualmente. Além disso, a possibilidade de alterar o tamanho da fonte, considerando a relação entre texto e ilustração, é importante, já que o livro pode, em tese, ser lido em aparelhos menores, como celulares. Uma das vantagens do formato digital é a possibilidade de ajustes em função da dinâmica do material.

Considerações finais

Pensar no alinhamento da tecnologia com o contexto escolar tem sido um forte debate em diferentes cenários. Perguntas como “Pode celular em sala de aula?” têm gerado diversas respostas que se sustentam nas mais variadas argumentações. A Lei n.º 15.100, de 13 de janeiro de 2025, legisla que aparelhos eletrônicos em ambientes escolares são vedados, com exceção de sua utilização com fins pedagógicos (Brasil, 2015). É nesse contexto que precisamos refletir sobre o potencial educacional dos diferentes aparelhos tecnológicos, a inserção da cultura digital no ambiente escolar e os recursos disponíveis para a atualização pedagógica. Nesse espaço simbólico, está o livro digital de literatura infantil, com suas diferentes intersecções multidisciplinares.

A pesquisa aqui apresentada buscou justamente entender como os jovens leitores recepcionam tal artefato da era digital e lidam com essa até então novidade no contexto escolar. Durante as sessões de leitura, foi possível identificar o interesse dos alunos tanto pelo texto literário quanto pelo

uso de um aparelho digital, que, com o status de novidade, apresenta uma nova atividade a ser desenvolvida no contexto doméstico nos equipamentos que têm à sua disposição, como computadores, tablets e, sobretudo, celulares.

A partir da fala das crianças, foi possível identificar que as experiências durante as sessões de leitura apontaram para três aspectos: uma possível mudança na forma de interação com a tecnologia, voltada para a atividade de leitura de forma autônoma; um entendimento sobre o que é um livro digital, considerando suas semelhanças e diferenças com o livro impresso, e os diferentes recursos disponíveis no acervo trabalhado; a acessibilidade do livro digital de literatura infantil considerando o público ao qual se destina, em um recorte de classe com uma dimensão mais sociopolítica, e os níveis de leitura de crianças em fase de alfabetização, considerando uma dimensão pedagógica.

Assim, a partir dos achados do estudo, dois elementos se destacam: o potencial educacional do livro digital de literatura infantil, tendo em vista os elementos que perpassam o desenvolvimento da habilidade de leitura, as experiências estéticas a partir do texto literário, o contato crítico com a cultura digital e o desenvolvimento de competências que se voltam ao uso da tecnologia; e o fomento às produções de livros digitais de literatura infantil que considerem a exploração dos diferentes recursos e das diversas linguagens, prezando pela acessibilidade e pela qualidade do texto literário que se destina às crianças. Nesse sentido, ao concluir essas reflexões, compreendemos a fundamental importância de novos estudos que ampliem o debate aqui proposto, apresentando novas perspectivas para o uso do livro digital de literatura infantil, ou ampliando os elementos aqui apresentados.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. 9. ed. Petrópolis: Vozes, p.93,2009.

BATISTA, Susana; PONTE, Cristina. GONÇALVES, Eva. O que sabemos e como medimos competências digitais dos jovens portugueses? Reflexões em torno de resultados de projetos de investigação. In: ROCHA, Gilberta Pavão Nunes; LOLANDA-GONÇALVES, Rolando; MEDEIROS, Pilar Damião. (Org.). **Juventude(s):** movimentos globais e desafios futuros. Vila Nova de Famalicão: Editora Húmus, 2022.

BRASIL. Lei n.º 15.100, de 13 de janeiro de 2025. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica. 2025

COELHO, Patrícia Margarida Farias. Os nativos digitais e as novas competências tecnológicas. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte-MG, v. 5, n. 2, p. 88–95, 2012. DOI: 10.17851/1983-3652.5.2.88-95. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/16621>. Acesso em: 19 jul. 2021.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CARARO, Aryane Beatriz. **Livros digitais infantis: narrativas e leitura na era do tablet**. Dissertação (Mestrado em Interunidades em Estética e História da Arte) - Museu de Arte Contemporânea, Universidade de São Paulo, p. 185. 2014.

COSTA, Marta Maria. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: Editora Ibpex, 2007.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

DAMIANI, Magda. Floraina et al. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 45, p. 57-67, maio/ago. 2013.

FANTIN, Monica. Educação, aprendizagem e tecnologia na pesquisa-formação. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 6, p. 87-100, set./dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.25053/edufor.v2i6.2377>. Acesso em: 30 jul. 2023.

FANTIN, Monica. Múltiplas faces da infância na contemporaneidade: consumos, práticas e pertencimentos na cultura digital. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 25, n. 59/2, p. 596-617, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/3836/2617>. Acesso em: 30 jul. 2023.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2003.

GRAVES, Michael F.; GRAVES, Bonnie B. The scaffolding reading experience: a flexible framework for helping students get the most out of text. In: **Reading**. April, 1995. (Tradução de Marly Amarilha, para estudo exclusivo do grupo de pesquisa Ensino e Linguagem/Programa de Pósgraduação em Educação – UFRN).

LACERDA, Maíra Gonçalves; FARBIARZ, Jackeline Lima. A formação visual do leitor por meio do Design na Leitura: livros de literatura para Educação Infantil e Ensino Médio. In: **Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**, 13., 2018, Joinville. Anais [...]. Joinville: UNIVILLE, 2018. p. 1-15.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LICHT, Marcele Cassol. **O livro digital informativo e suas categorias constitutivas**. Dissertação (Mestrado em Design) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 121. 2017.

MAGALHÃES, Carolina Souza Santana. **Parâmetros para um modelo de gestão de eBooks em bibliotecas universitárias**. Tese (Doutorado em Ciências da Informação), Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, p. 152, 2019.

MARÔPO, Lidia *et al.* Culturas digitais juvenis e os influenciadores na era da plataformização da internet. In: ROCHA, Gilberta Pavão Nunes; LOLANDA-GONÇALVES, Rolando; MEDEIROS, Pilar Damião (Org.). **Juventude(s): movimentos globais e desafios futuros**. Vila Nova de Famalicão: Editora Húmus, 2022.

PAIVA, Aana Paula Mathias. **A aventura do livro experimental**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Edusp, 2010.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

REZENDE, Ana Beatriz Reis. **Livro digital como recursos de mídia**: como criar? Dissertação (Mestrado em Inovação Tecnológica) - Instituto de Ciências Tecnológicas e Exatas, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, p. 107. 2019.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, Nádson Araújo. C. **Práticas de leitura na cultura digital sob a perspectiva dos multiletramentos**. Tese (Doutorado em Educação), Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, p. 130. 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 1. ed. São Paulo : Cortez, 2013.

SILVA, Andrialex. William. A relação da criança com a linguagem icônica presente na era digital: a percepção infantil sobre os ícones no smartphone. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo , v. 38, n. 116, p. 167-184, ago. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.51207/2179-4057.20210020>. Acesso em: 15 de maio de 2024.

SILVA, Andrialex William. Entre o impresso e o digital: as compreensões das crianças sobre os livros para a infância. In: CORDEIRO, Sandro da Silva. **Múltiplos olhares em Mídia-educação**. Natal: SEDIS-UFRN, 2023.

STAKE, Robert. **Pesquisa Qualitativa**: Estudando como as Coisas Funcionam. São Paulo: Editora Penso. 2011.

PEREZ, Marcelo Spaldin. **Alice do livro impresso ao e-book**: adaptação de Alice no país das maravilhas e de Através do espelho para iPad. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 246. 2012.

NOTAS DE AUTORIA

Andrialex Silva (andrialex@outlook.com): Graduado em Pedagogia (UFRN). Especialista em Literatura e Ensino (IFRN), em Ensino de Língua Portuguesa e Matemática em uma perspectiva Transdisciplinar (IFRN), em Psicopedagogia Escolar (UNINASSAU), em Mídias na Educação (UERN) e em Atendimento Educacional Especializados (UFERSA). Mestre e Doutor em Educação (PPGED/UFRN). Atua como Assistente Ministerial no MPRN e é bolsista CAPES como Professor Formador na UERN, no curso de Educação do Campo EaD. Tem interesse na área de Educação, com ênfase no ensino e na aprendizagem da Língua Escrita (Alfabetização, Letramento e Literatura Infantil) e Escolarização e Inclusão da pessoa com Deficiência.

Jefferson Melo (jeftson70@gmail.com): Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRN; pesquisador na linha de pesquisa Educação e Estudos Sócio-Históricos e Filosóficos da Educação; servidor público efetivo, professor da Educação Básica na rede municipal de Fortaleza/CE. Possui graduação em Comunicação Social, com ênfase no Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico (2011), pela Universidade Potiguar (UNP). É licenciado em Pedagogia (2019) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); mestre em Educação (2022) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRN. Possui experiência nas áreas de Alfabetização e Educação Infantil, com ênfase em práticas lúdicas de desenvolvimento integral. Premiado no ano de 2024, com destaque em publicação no Diário Oficial por alcançar a proficiência esperada com estudantes do 2 ano do Ensino Fundamental.

Maria Soberana (soberanapaiiva@gmail.com): Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (PPGCOM/UFC). Mestra em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPGCISH/UERN) e Bacharela em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela mesma instituição. Atualmente é Professora Conteudista I na UAB/FUERN. Integra o Laboratório de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia (LabGRIM - UFC). Tem interesses pelos seguintes temas: Publicidade e Infância; Crianças influenciadoras; Práticas de Consumo Contemporâneo; Convergência e Cultura Digital; Mídias, Mediação Simbólica e Educação; Complexidade e Imaginário.

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

SILVA, Andrialex; MELO, Jefferson; SOBERANA, Maria. A leitura no contexto digital: a recepção de livros digitais de literatura infantil pelas crianças. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 224-261, 2025.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 30 de setembro, 2025

Aprovado em: 2 de dezembro, 2025